***Contribuição da concepção materialista e dialética da história para a análise da produção científica[[1]](#footnote-1)***

Dra. Elza Margarida de Mendonça Peixoto

Universidade Federal da Bahia – FACED/UFBA

**Resumo:**

Defende-se a tese de que a análise da produção do conhecimento orientada pela perspectiva da concepção materialista e dialética da história deve pautar-se: (a) pela percepção da realidade como totalidade pré-existente e independente da sua fragmentação – para efeito de estudo – em disciplinas; (b) pelo entendimento de que a produção do conhecimento expressa no plano das ideias o um embate travado no âmbito das relações de produção, pelas forças que disputam o controle e a direção das forças produtivas. Desta forma, defendemos que não é suficiente classificar a produção do conhecimento conforme a orientação epistemológica que ali predomina, mas é necessário e urgente situar esta produção na realidade que a produz. Espera-se com a tese aqui defendida, apresentar um horizonte teórico-metodológico para a análise da produção do conhecimento para além dos limites da epistemologia.

**Resumen:**

Se defiende la tesis de que el análisis de la producción del conocimiento impulsada por la perspectiva de la concepción materialista dialéctica de la historia debe basarse en: (a) la percepción de la realidad como pre-existente e independiente de su fragmentación - para fines de estudio - en disciplinas, (b) la comprensión de que la producción de conocimiento expresado en términos de ideas a un enfrentamiento atrapados en relaciones de producción, fuerzas que luchan por el control y la dirección de las fuerzas productivas. Por lo tanto, sostenemos que no es suficiente para clasificar la producción de conocimiento como la orientación epistemológica que predomina allí, pero es necesario y urgente situar esta producción em la realidade que la produce. Se espera que la tesis aquí defendida, presentan un horizonte teórico y metodológico para el análisis de la producción de conocimiento más allá de los límites de la epistemología.

**Posição de partida:**

Nesta mesa temos a tarefa de pontuar as perspectivas interdisciplinares para o estudo da produção do conhecimento.

O *primeiro* destaque que faço é que esta mesa é composta por professoras da região Nordeste que vêm se dedicando à pesquisa da formação de professores, da produção do conhecimento, das políticas públicas e do trabalho pedagógico – no âmbito dos estudos e pesquisas em educação física, esportes e lazer – sob a referência da concepção materialista e dialética da história. Trata-se, portanto, de uma mesa que não está orientada pelos princípios da interdisciplinaridade tal como propostos pelos que fazem este movimento. Nesta posição, entendo que temos que nos perguntar: (a) do que falamos quando falamos em interdisciplinaridade? (b) qual a posição do marxismo em relação ao problema da interdisciplinaridade?

O primeiro desafio que tive que empreender foi localizar minimamente o debate acumulado sobre interdisciplinaridade para reconhecer as bases sobre as quais se assenta o movimento. Para recuperar este debate tomei a obra “Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa” de Ivani Fazenda. Pelo que pude depreender do que a autora chamou de “Revisão histórico-crítica dos estudos sobre interdisciplinaridade” – primeiro capítulo da obra em questão – esta começa a ser debatida na Europa nos anos 60, e no Brasil nos anos 70. O eixo do movimento é a crítica da “educação por migalhas”, o anúncio de uma tendência da “ciência multipartida” à “falência do conhecimento, na medida em que o distanciamento de um conhecimento “de totalidade” implicaria na decretação “da falência do humano” e na “agonia da civilização” (FAZENDA citando GUSDORF). Segundo Fazenda, foi a “totalidade” o “tema por excelência de um dos principais precursores do movimento em prol da interdisciplinaridade: Georges Gusdorf”, na obra “As Ciências Humanas são as Ciências dos Homens”. A questão central do movimento parece ser o redimensionamento teórico das ciências e a revisão dos hábitos de pesquisa. Um dos desafios destacados refere-se à questão da possibilidade da interdisciplinaridade localizar-se no encontro de uma linguagem que viabilize a comunicação entre as ciências. Sem querer me deter muito mais tempo no que o debate acumulado aponta, me parece que um adequado entendimento do problema da interdisciplinaridade passa pela localização do movimento na chamada “crise das ciências, crise das teorias, dos modelos, dos paradigmas” (FAZENDA, 2012, p. 14) que, negando as grandes teorias explicativas, desloca-se para a tese do encontro das disciplinas para o que Fazenda chama de “exercício da interdisciplinaridade”. A meu ver, o entendimento adequado deste movimento pede um estudo mais cuidadoso para as transformações nas forças produtivas que levaram a uma revisão das orientações no âmbito da formação para o trabalho em nível de graduação e pós-graduação, naquilo que Braverman vai chamar de “degradação do trabalho no século XX”. Não disponho de condições para desenvolver esta discussão aqui, mas posso pontuar que no âmbito da Guerra Fria, os países do polo capitalista possuíam a tarefa existencial de negar a luta de classes e negar o marxismo como teoria explicativa do mundo, cujo potencial revolucionária vinha se evidenciando no polo socialista. Sob estas condições a ideologia das incertezas em busca de novas saídas que impera nos países capitalistas nos traz a todo o movimento que conhecemos hoje como pós-modernidade. É só sob esta localização que se torna possível explicar como uma preocupação centrada na totalidade passa ao largo da alternativa ao tema posta pelo marxismo. Posta uma localização mínima do debate sobre interdisciplinaridade, quero me dedicar a enfrentar esta questão na perspectiva do marxismo.

**Marxismo clássico e interdisciplinaridade:**

Penso que a primeira questão que temos que levar em conta é que as divisões disciplinares e a superespecialização profissional não são um problema na produção do conhecimento que se dá entre os homens do século XIX e muito menos no pensamento de Marx e Engels. A investigação filosófica e científica é movida pelas necessidades vitais decorrentes da demanda pela explicação e transformação do mundo objetivo. O conhecimento não está privatizado e circula pelos meios de comunicação disponíveis. Sem perder de vista as imensas barreiras colocadas ao proletariado para acessar este conhecimento, podemos afirmar que a filosofia, a economia, o direito, os conhecimentos disponíveis sobre a natureza em geral e humana, a matemática, a história são postos em movimento pelos intelectuais do tempo no esforço de explicar os problemas da existência. As disciplinas tais como as conhecemos estão em processo de formação e a interdisciplinaridade não existe como problema objetivo. É sob estas condições que Marx e Engels enfrentarão o principal desafio do seu tempo: (a) superar a dialética idealista hegeliana, (b) superar a economia política, (c) superar o socialismo utópico como alternativa assistencialista para sanar os problemas da miséria crescente. É a demanda pela organização do proletariado para a revolução do capitalismo com o fim de superação das condições objetivas em que oprimiam e massacravam à massa dos trabalhadores que os faz conectar-se ao debate do seu tempo. Noutras palavras: uma necessidade vital, uma necessidade candente de manutenção da existência da humanidade faz Marx e Engels produzirem a interdisciplinaridade de fato.

Marx e Engels diriam: a humanidade só se coloca problemas que é capaz de resolver. Hoje, a vertiginosa expansão do conhecimento científico, a superespecialização, os estatutos profissionais que privatizam as disciplinas e seus conteúdos, o produtivismo acadêmico, a intensificação do trabalho que impede a dedicação continuada a um determinado assunto, a mercantilização do conhecimento, produzem a impossibilidade de dedicação minuciosa a absorver com rigor o conhecimento disponível que contribui para explicar uma dada realidade que venhamos a delimitar. Nestas condições, enfrentamos o problema da articulação e da comunicação entre campos científicos isolados. Estou defendendo que a possibilidade de superação deste problema não está na interdisciplinaridade, na junção de disciplinas e na investigação dos meios mais eficientes para garantir o diálogo entre elas. Parece-me que a possibilidade da superação da fragmentação do conhecimento, que passa pelo trabalho de um coletivo de pesquisadores, encontra-se, justamente, na retomada das teorias que têm uma perspectiva macroexplicativa. Vou defender incisivamente: na retomada da Concepção Materialista e Dialética da História como teoria que, buscando uma visão de totalidade, põe em movimento todo e qualquer conhecimento necessário à explicação e solução dos problemas de manutenção da existência humana. Trata-se, então, de definir quais, de fato, são os problemas vitais cuja solução, uma vez não encontrada, compromete a existência humana? Parece-me cada vez mais evidente que a insistência em negar a Concepção Materialista e Dialética da História como a referência teórica mais avançada compromete o avanço das análises epistemológicas para além do enquadramento dos conhecimentos científicos, rumo ao exercício de fato da interdisciplinaridade. E aqui, quero me dedicar ao problema concreto ao qual os grupos PAIDEIA/UNICAMP e LEPEL/UFBA estão dedicados, que se refere à pesquisa ***PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO EM EDUCAÇÃO FÍSICA: impacto do sistema de pós-graduação das regiões sul e sudeste do Brasil na formação e produção de mestres e doutores que atuam nas instituições de ensino superior da região nordeste****.* Como o marxismo contribui para esta investigação?

Há uma longa discussão empreendida por Marx e Engels entre os anos 40 e os anos 90, sobre as condições objetivas que permitem a superação das visões idealistas de mundo e a produção das explicações materialistas e dialéticas. A principal tese que vão defender é que o avanço das forças produtivas e das relações de produção – expressos simplificadamente, no desenvolvimento da indústria, e da burguesia e do proletariado como classes que disputam os rumos da produção da existência – permite o desenvolvimento dos instrumentos para o conhecimento do mundo objetivo, quando então o homem necessita cada vez menos das especulações idealistas para explicar a sua existência. Do mesmo modo, evidencia-se que a manutenção das visões idealistas (que inclui a negação da ciência, da razão e da verdade), nas quais inclui-se a religuão, é crucial para a preservação das relações de produção capitalistas. Ao acertarem contas com sua consciência idealista, Marx e Engels fazem uma exaustiva análise dos pressupostos que estavam sustentando o pensamento dos novos hegelianos ou hegelianos de esquerda. Argumentam: os filósofos interpretaram o mundo, é preciso transformá-lo. Nesta análise, vão expondo os pressupostos da concepção materialista e dialética da história que vai ser detidamente expressa em obras como o *Prefácio da crítica da economia política* (1859), *Origem da família, da propriedade privada e do Estado*, e *Do socialismo utópico ao socialismo científico* (1880), que, aliás, são exemplo primorosos de recusa dos limites impostos pelas visões disciplinares:

O meu estudo universitário foi o da jurisprudência, o qual no entanto só prossegui como disciplina subordinada a par de filosofia e história. No ano de 1842-43, como redactor da Rheinische Zeitung[[N174]](http://www.marxists.org/portugues/marx/1859/01/prefacio.htm%22%20%5Cl%20%22tn174), vi-me pela primeira vez, perplexo, perante a dificuldade de ter também de dizer alguma coisa sobre o que se designa por interesses materiais. Os debates do LandtagRenano sobre roubo de lenha e parcelamento da propriedade fundiária, a polémica oficial que Herr[von Schaper](http://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/s/schaper_von.htm), então Oberprásidentda província renana, abriu com a Rheinische Zeitungsobre a situação dos camponeses do Mosela, por fim as discussões sobre livre-cambismo e tarifas alfandegárias proteccionistas deram-me os primeiros motivos para que me ocupasse com questões económicas. Por outro lado, tinha-se nesse tempo — em que a boa vontade de"ir por diante" repetidas vezes contrabalançava o conhecimento das questões — tornado audível na RheinischeZeitungum eco do socialismo e comunismo francês, sob uma ténue coloração filosófica. Declarei-me contra esta remendaria, mas ao mesmo tempo confessei abertamente, numa controvérsia com a Allgemeine Augsburger Zeitung[273](http://www.marxists.org/portugues/marx/1859/01/prefacio.htm#tn273), que os meus estudos até essa data não me permitiam arriscar eu próprio qualquer juízo sobre o conteúdo das orientações francesas. Preferi agarrar a mãos ambas a ilusão dos directores da Rheinische Zeitung,que acreditavam poder levar a anular a sentença de morte passada sobre o jornal por meio duma atitude mais fraca deste, para me retirar do palco público e recolher ao quarto de estudo.

O primeiro trabalho, empreendido para resolver as dúvidas que me assaltavam, foi uma revisão crítica da filosofia do direito que [Hegel](http://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/h/hegel.htm), um trabalho cuja introdução apareceu nos Deutsch-Französische Jahrbücher[[N13]](http://www.marxists.org/portugues/marx/1859/01/prefacio.htm%22%20%5Cl%20%22tn13) publicados em Paris em 1844. A minha investigação desembocou no resultado de que relações jurídicas, tal como formas de Estado, não podem ser compreendidas a partir de si mesmas nem a partir do chamado desenvolvimento geral do espírito humano, mas enraízam-se, isso sim, nas relações materiais da vida, cuja totalidade [Hegel](http://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/h/hegel.htm), na esteira dos ingleses e franceses do século XVIII, resume sob o nome de"sociedade civil", e de que a anatomia da sociedade civil se teria de procurar, porém, na economia política. A investigação desta última, que comecei em Paris, continuei em Bruxelas, para onde me mudara em consequência duma ordem de expulsão do Sr. [Guizot](http://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/g/guizot.htm%22%20%5Ct%20%22_blank). O resultado geral que se me ofereceu e, uma vez ganho, serviu de fio condutor aos meus estudos, pode ser formulado assim sucintamente: na produção social da sua vida os homens entram em determinadas relações, necessárias, independentes da sua vontade, relações de produção que correspondem a uma determinada etapa de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. A totalidade destas relações de produção forma a estrutura económica da sociedade, a base real sobre a qual se ergue uma superstrutura jurídica e política, e à qual correspondem determinadas formas da consciência social. O modo de produção da vida material é que condiciona o processo da vida social, política e espiritual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, inversamente, o seu ser social que determina a sua consciência. Numa certa etapa do seu desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade entram em contradição com as relações de produção existentes ou, o que é apenas uma expressão jurídica delas, com as relações de propriedade no seio das quais se tinham até aí movido. De formas de desenvolvimento das forças produtivas, estas relações transformam-se em grilhões das mesmas. Ocorre então uma época de revolução social. Com a transformação do fundamento económico revoluciona-se, mais devagar ou mais depressa, toda a imensa superestrutura. Na consideração de tais revolucionamentos tem de se distinguir sempre entre o revolucionamento material nas condições económicas da produção, o qual é constatável rigorosamente como nas ciências naturais, e as formas jurídicas, políticas, religiosas, artísticas ou filosóficas, em suma, ideológicas, em que os homens ganham consciência deste conflito e o resolvem. Do mesmo modo que não se julga o que um indivíduo é pelo que ele imagina de si próprio, tão-pouco se pode julgar uma tal época de revolucionamento a partir da sua consciência, mas se tem, isso sim, de explicar esta consciência a partir das contradições da vida material, do conflito existente entre forças produtivas e relações de produção sociais. Uma formação social nunca decai antes de estarem desenvolvidas todas as forças produtivas para as quais é suficientemente ampla, e nunca surgem relações de produção novas e superiores antes de as condições materiais de existência das mesmas terem sido chocadas no seio da própria sociedade velha. Por isso a humanidade coloca sempre a si mesma apenas as tarefas que pode resolver, pois que, a uma consideração mais rigorosa, se achará sempre que a própria tarefa só aparece onde já existem, ou pelo menos estão no processo de se formar, as condições materiais da sua resolução. Nas suas grandes linhas, os modos de produção asiático, antigo, feudal e, modernamente, o burguês podem ser designados como épocas progressivas da formação económica e social. As relações de produção burguesas são a última forma antagónica do processo social da produção, antagónica não no sentido de antagonismo individual, mas de um antagonismo que decorre das condições sociais da vida dos indivíduos; mas as forças produtivas que se desenvolvem no seio da sociedade burguesa criam, ao mesmo tempo, as condições materiais para a resolução deste antagonismo. Com esta formação social encerra-se, por isso, a pré-história da sociedade humana.

Desta longa citação de Marx quero extrair duas questões com as quais encerro esta reflexão.

Em primeiro lugar, evidencia-se na passagem que a questão da fronteira entre as disciplinas é derrubada quando entram em cena os problemas radicais, vitais, da manutenção da existência humana.

Em segundo lugar, uma orientação de ordem teórica e política ao Projeto “Impacto”. Por ocasião da redação de “A ideologia alemã”, em determinado instante, Marx e Engels sinalizam que os novos hegelianos fizeram revoluções mirabolantes no plano das ideias, libertaram os homens por terem demonstrado os limites da religião. Marx e Engels denunciam: os hegelianos de esquerda esqueceram-se de perguntar sobre a realidade que permite a produção destas ideias.

Parece-me óbvio que as análises epistemológicas, cientométricas, bibliométricas da produção do conhecimento perdem totalmente a razão de existir se não mantiverem em mente o enfrentamento radical do problema que se refere ao projeto histórico ao qual se vincula a produção do conhecimento. Os marxistas estão convictos da impossibilidade da neutralidade do conhecimento, e do embate de projetos que se trava em toda a esfera da superestrutura que se desenvolve em conexão contraditória e dialética, em constante movimento, simultaneamente ao desenvolvimento das forças produtivas e das relações de produção em uma dada conjuntura. Todas as constatações que venhamos a fazer no âmbito da produção do conhecimento deve permitir-nos avançar na direção de explicar a realidade que determina que a direção da produção do conhecimento seja esta e não outra. Tornando mais objetiva a reflexão com que encerro minha exposição: ao levantar, catalogar, compilar, analisar as Teses e Dissertações com o auxílio da matriz paradigmática, ao empreender sobre ela a análise bibliométrica e cientométrica, temos que avançar na direção de denunciar qual o projeto histórico que a região economicamente dominante no Brasil, a Região Sudeste, esta encaminhando para a Região Nordeste do Brasil. Não podemos esquecer que são os pesquisadores da região sudeste que decidem sobre os cursos de pós-graduação que irão ser abertos na Região Nordeste. Há no Brasil um colonialismo teórico que determina, conforme já evidenciaram os estudos de Sousa e Silva, Chaves e Sá, que predomine no Nordeste do Brasil a perspectiva fenomenológica de produção do conhecimento. O reconhecimento dos traços deste modo de fazer a produção do conhecimento deve ser relacionadoscontraditória e dialeticamente com a luta de classes, a disputa de interesses antagônicos e inconciliáveis sobre a direção que deve assumir a educação básica e superior na região Sul. Esta em curso um projeto de degradação do trabalho, de destruição das forças produtivas, em especial, da formação da classe trabalhadora. Um dos fatores determinantes desta disputa é, sem sombra de dúvida, a direção da formação de professores. E é da formação de professores para o ensino superior que estamos falando quando falamos do sistema de pós-graduação, da produção de Teses e Dissertações, do predomínio de determinados referenciais teóricos.

Com estas reflexões iniciais, agradeço sua atenção e aguardo o debate.

**Referências Bibliográficas**

ANDERY, M. A. *Para compreender a ciência*: uma perspectiva histórica. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

BOTTOMORE, T. *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BRAVERMAN, Harry. *Trabalho e capital monopolista*. 3 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

DANGEVILLE, Roger. *Marx e Engels*: Crítica da Educação e do ensino. Editora Moraes: s/i, s/d.

ENGELS, F. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.

ENGELS, F. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo, 2008.

ENGELS, F. *Anti-Duhring*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

ENGELS, F. *Dialética da natureza*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

ENGELS, F. *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*. São Paulo: Alfa Omega, s/d.

ENGELS, F. *Origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

FAZENDA, Ivani. *Interdisciplinaridade*: História, teoria e pesquisa. 2 ed. Campinas: Papirus, 1995.

LENIN, V. I. *As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo*. São Paulo: Global, 1978.

LENIN, V. I. *Materialismo e empiriocriticismo*. São Paulo: Mandacaru, 1990.

LOMBARDI, J. C. *Educação e ensino na obra de Marx e Engels*. Campinas: Alínea, 2011.

MARX, K. *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo, 2005.

MARX, K. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2004.

MARX, K; ENEGLS, F. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, K; ENGELS, F. *Marxist Internet Archives*: Seção em Português. Disponível em: [http://www.marxists.org/portugues/marx/index.htm Acesso em 10/05/2012](http://www.marxists.org/portugues/marx/index.htm%20Acesso%20em%2010/05/2012)

MARX, K; ENGELS, F. *Obras Escolhidas*. São Paulo: Alfa Omega, s/d.

PONCE, A. *Educação e luta de classes*. São Paulo: Cortez, 2007.

1. Mesa Redonda ***ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA: PERSPECTIVAS INTERDISCIPLINARES.*** Palestrantes: Dra. Joelma Oliveira Albuquerque - (UFAL); Dra. Elza Margarida de Mendonça Peixoto (UFBA); Dra. Kátia Oliver de Sá (Pós-doutoranda FE/Unicamp); Moderadora: Dra. Silvia Cristina Franco Amaral (FEF/Unicamp). [↑](#footnote-ref-1)